

Apresentação do dossiê “Análises marxistas da Revolução Russa”

Crítica Marxista pretende com este dossiê dar uma contribuição para o conhecimento daquele que foi o principal acontecimento histórico do século XX. Na verdade, para importantes historiadores, a história do século XX é a história da Revolução Russa e de seus desdobramentos próximos e longínquos, diretos e indiretos. As formações sociais capitalistas, do centro e da periferia do sistema, tiveram suas histórias fortemente influenciadas por esta revolução, que foi, também, a primeira grande revolução que colocou, como objetivo declarado, a construção de uma economia socialista e de uma sociedade sem classes, além de se declarar inspirada na teoria marxista. A Comuna de Paris de 1871 declarou-se operária, mas não proclamou o objetivo de implantar o socialismo. Ademais, não é possível estabelecer termo de comparação entre um acontecimento das dimensões da Revolução Russa e a experiência fugaz e localizada da Comuna de Paris.

A natureza da Revolução Russa, a sua dinâmica e o seu resultado foram, desde o seu início, motivo de discussão entre os marxistas. Para o leitor menos familiarizado com essa discussão, damos algumas indicações abaixo.

Ainda antes da tomada do poder em 1917, a revolução foi motivo de controvérsias entre os dirigentes e teóricos socialistas. O marxista e dirigente do maior partido operário de então, Karl Kautsky, considerava que a revolução era e deveria permanecer uma revolução burguesa, devido ao baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas na Rússia. Ambicionar ir além seria utopia. Leon Trotsky, que se tornará companheiro do grupo bolchevique a partir do ano de 1917, entendia, com base na teoria da revolução permanente que ele elabora no balanço que fez da insurreição derrotada de 1905, que a Revolução Russa seria socialista, devido

ao desenvolvimento já considerável do proletariado num país que acumulava as contradições oriundas do mundo feudal com as novas contradições capitalistas. Lenin defendia a ideia de uma revolução em duas etapas, a primeira burguesa e a segunda proletária.

Após a tomada do poder pelos bolcheviques em outubro de 1917, essas polêmicas continuaram vivas e as novas lutas, bem como os seus resultados, ensinaram polêmicas novas. O entusiasmo operário e popular pela Revolução Russa foi prolongado e espalhou-se por todo o mundo. A direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) patrocinou a publicação de trabalhos historiográficos que avaliavam que o socialismo encontrava-se instaurado na antiga URSS desde a década de 1930. O Estado soviético seria um Estado proletário. Leon Trotsky, embora tenha aceitado a caracterização da União Soviética como socialista, desenvolveu, ao longo dos anos 1930, a ideia de que se formara na URSS uma burocracia privilegiada, a qual promovia a degeneração do Estado operário.

Na década de 1970, as análises críticas da União Soviética multiplicaram-se. Charles Bettelheim desenvolveu, de maneira própria, a noção de capitalismo de Estado e elaborou a sua obra de sociologia histórica sobre a Revolução Russa. No mesmo período, Paul Sweezy defendeu a ideia de que a Revolução Russa tinha promovido o surgimento de um novo modo de produção, que superara o capitalismo sem conduzir ao socialismo. Os eurocomunistas avançaram a noção de “socialismo real” para caracterizar, se não de modo crítico, ao menos com um certo distanciamento, a economia e a sociedade da antiga URSS.

O nosso dossiê não contempla todas as análises indicadas acima, mas introduz algumas delas para o nosso leitor. Para tanto, o Comitê Editorial de *Crítica Marxista* solicitou a alguns de nossos colaboradores, que se destacam como estudiosos do tema, que produzissem os ensaios que seguem apresentando autores cujas análises resumem e problematizam a Revolução Russa. Boa leitura.

Armando Boito Jr.